

HOLLOWAY, John. **Fissurar o capitalismo**. Traduzido por Daniel Cunha. São Paulo: Publisher Brasil, 2013. 272 p.

Suana Medeiros Silva<sup>1</sup>

Somos mujeres y hombres, niños y ancianos bastante comunes, es decir, rebeldes, inconformes, incómodos, soñadores. (La jornada, 4 August 1999 apud HOLLOWAY, 2013, p. 9).

*Fissurar o Capitalismo* é um livro constituído de um argumento-proposta, onde o autor Jonh Holloway, faz uma leitura da insatisfação e da inconformidade com o capitalismo por parte de inúmeras pessoas e grupos da sociedade global. A leitura dessa inconformidade é iniciada com alguns exemplos de "pessoas comuns", por meio dos quais o autor pretende mostrar que a indignação com o sistema capitalista é mais comum do que pensamos e, portando, compartilhada por uma diversidade de pessoas. Ao identificar, citar exemplos de inconformismos e revoltas, o autor consegue dialogar com leitoras e leitores sobre suas revoltas. Adentrando nessa condição comum a muitas pessoas e grupos, ele desenvolve um debate sobre formas de romper com o capitalismo, fundamentado na teoria marxista – apesar de incluir uma forte crítica à teoria clássica.

É com palavras zapatistas que Holloway define as "pessoas comuns", rebeldes ou revolucionárias, sobretudo anticapitalistas, que de alguma ou de várias formas vão contra a corrente da reprodução capitalista e que todos os dias ou em algum dia da semana fazem algo. Isso significa não reproduzir o capital em algum momento de suas rotinas nas dimensões onde geralmente é reproduzido – material, simbólica e ideológica. Seguidamente, exemplifica vários casos que demonstram essa atitude frente ao sistema, desde a composição de uma música que expressa a raiva e o sonho de uma sociedade

---

<sup>1</sup> Doutoranda em geografia pela Universidade Federal de Pernambuco. Bolsista FACEPE. Integrante do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Espaço Agrário e Campesinato - LEPEC.

melhor por um compositor em Londres, ao camponês em Huejotzingo que resiste com seu pomar a um grande estacionamento de automóveis não vendidos.

Holloway inicia seu texto também com palavras-chave que deixa claro o que seu livro propõe. As palavras "romper" e "agora" traduzem a necessidade e a urgência que temos de mudar a lógica em que vivemos, ou seja, de fissurar o capitalismo para rompê-lo, e de começar a fazer isso já. Fazer mais que protestar e, sobretudo, não permitir que os poderosos definam a agenda, mas que a definamos nós. Porque da nossa negação a esse sistema nasce um "outro-fazer". Residindo, entretanto, nesse "outro-fazer" um paradoxo. Ao mesmo tempo em que fissurar o capitalismo é um "fazer" simples, é também um "fazer" difícil. Simples, se tivermos em conta que a "servidão é voluntária" (LA BOÉTIE, 1546, p. 16 apud HOLLOWAY, 2013, p. 10) e que se pararmos de trabalhar para o tirano, ele deixará de ser um tirano. Assim, a nossa emancipação depende simplesmente de recusar, desobedecer: "Decidi não mais servir e sereis livres" (Ibidem, 1546, p. 16 apud Ibidem, 2013, p. 10). Difícil, porque se nos dedicarmos a atividades que gostamos, não devotando nossa vida ao trabalho criado pelo capital, podemos enfrentar pobreza, fome e repressão física. Daí a necessidade de saber o que fazer, buscando acreditar antes em uma mudança na organização da sociedade, do que na aniquilação da humanidade.

Para tanto, o método do "fazer" apresentado por Holloway é o método da fissura. De acordo com o livro, analogicamente, o método consiste em correr em direção às paredes que nos prendem dentro do sistema – sobre as quais não temos poder de destruição ainda – buscando fissuras. Essa busca é uma atividade prático-teórica, onde a prática e a teoria são atividades complementares. As fissuras representam para nós uma abertura, tanto de um mundo fechado, quanto de categorias que negam o poder do fazer humano. O método da fissura é dialético, uma dialética negativa, da inadequação. O fato de que cada vez mais um número maior de pessoas não se ajusta ao sistema, é a base das fissuras e da importância da dialética da inadequação.

O ponto de partida na parte I do livro, ou seja, o que motiva todas as ideias seguintes, é a evidente certeza da necessidade humana de romper com o capitalismo. Uma das características relevantes é que o texto se mostra muito mais – sobretudo no início – como uma conversa, um desabafo com e entre pessoas comuns, que compartilham das mesmas angústias, urgências e inseguranças frente ao sistema, do que como um livro de teoria ou método. Além disso, apesar da base marxista, Holloway deixa claro que no seu ponto de vista, a partir de experiências e reflexões, a mudança social radical (revolução) não será possível com a tomada do Estado. Por isso, a urgência em saber como . Esse “saber como” passa também por aprender uma nova forma de linguagem da luta. Aprender a identificar, enxergar e entender as diversas formas de luta que vem surgindo nos últimos anos, que não se traduzem em protestos ou em ativismos. São formas de fazer de pessoas comuns, por meio das quais pode vir a revolução.

Na parte II do livro – “Fissuras: a antipolítica da dignidade” – o autor se dedica a explicar o que são essas fissuras, de onde nascem e de que formas podem ser. Recordando com La Boétie, chama a atenção ao fato de que a ruptura começa com a recusa, com o “não”. Logo, para que essa recusa tenha força e rompa com a servidão é preciso que haja o “outro-fazer”. Ao contrário, essa recusa pode se tornar uma outra negociação de servidão. A negação portanto, deve se tornar uma “negação-e-criação”, onde a dignidade é o desdobramento do poder do “não” e preenche as fissuras criadas por ele. A dignidade é apresentada pelo autor como a capacidade e o direito de assumir a responsabilidade de nossas próprias vidas. O “não” é a abertura para essa dignidade, uma abertura no espaço-tempo onde temos a possibilidade de viver como sujeitos e não como objetos.

A parte III do livro tem o objetivo de mostrar os limites das fissuras e as possibilidades existentes apesar desses limites. O autor ressalta que as fissuras enfrentam dificuldades porque são revoltas contra a “síntese social” existente – o que ele define como um sistema de coesão social fechado e posto pelo capitalismo. Conseqüentemente, a rebeldia sempre é julgada como irracional pela racionalidade dominante, que é apoiada pelas condições

materiais de sobrevivência. Existe uma pressão universal vinda da coesão social das relações capitalistas, ou seja, uma totalidade de relações que “nos sugam”, nos sufocam e nos fazem retornar ao sistema, porque é de lá que tiramos o nosso comer, vestir etc., as nossas necessidades. Tendo como limite principal a “síntese social capitalista”, somos levados por ela de volta ao sistema de diferentes maneiras ou por meio de diversos obstáculos, ao passo que as fissuras se chocam com eles. Esses obstáculos são o Estado, nós mesmos e o domínio do valor.

A parte IV, intitulada “O duplo caráter do trabalho”, é um divisor de águas no livro, que nos faz percebê-lo dividido em três partes – ou três momentos. Explico. A introdução da categoria trabalho a partir daqui é um ponto crucial na argumentação inteira do livro, mas que ainda não tinha sido introduzida no debate de forma profunda. Ela é a justificativa e a base para o que foi escrito no que chamamos de primeiro momento. Ao passo que o terceiro momento é uma junção dos dois primeiros. Sendo assim, o que é para nós o primeiro momento do livro (constituído pelas partes I, II e III), basicamente se dedica às fissuras. O que percebemos como o segundo momento do livro (partes IV, V e VI) se dedica a discutir o conceito de trabalho e a argumentar porque ele se caracteriza como uma categoria central nas fissuras e na revolução social. O que entendemos como o terceiro momento (partes VII e VIII) é, por sua vez, uma síntese, onde Holloway retoma com mais ênfase a discussão sobre as fissuras, só que dessa vez, alicerçada no “trabalho concreto”, que ele passa desde a parte IV do livro a chamar de “fazer concreto” – como antagonismo ao trabalho abstrato em Marx. É importante ressaltar que no segundo momento a teoria marxista entra de forma relevante no debate, sendo o cerne da argumentação, apesar da presença de outros autores e pensamentos.

Portanto, o autor inicia o segundo momento enfatizando que o trabalho é a questão central do livro e o ponto crucial nas fissuras, porque sendo uma forma de fazer da humanidade, o trabalho cria o capital. E se criamos o capital com o nosso “fazer”, também temos forças para ir contra ele com outro “fazer”. Sendo assim, Holloway se aplica na fundamentação da categoria trabalho em Marx e ao mesmo tempo faz um resgate sobre a história do

trabalho nas sociedades pré-capitalistas. Ao passo que faz esse resgate, vai questionando o uso do termo "trabalho" para designar qualquer atividade humana, argumentando mais adiante o porquê da sua discordância.

Nesse sentido, introduz a teoria de Marx sobre o duplo sentido do trabalho, de forma a ressaltar que pouca atenção se dá a teoria marxista na luta atual contra o capitalismo. Chama atenção ao fato de que apesar de ter iniciado o argumento do livro a partir do particular e não de uma análise sobre o capitalismo como um todo, acredita que o marxismo é um "solvente" poderoso contra a rigidez social que vivemos e por isso, esse é o momento de usá-lo como base de argumentação. Assim, afirma que a chave para esse poder é a dupla natureza do fazer, ou seja, a "dupla natureza do trabalho" segundo Marx. O autor destaca que esse ponto era para Marx um dos mais importantes da sua teoria, mas tendo a centralidade da sua análise no capitalismo, o foco se deu em cima de um dos sentidos do trabalho: o "abstrato". O outro, o "trabalho útil" ou "concreto", o "jovem Marx" se referia a ele como "atividade vital consciente" e o contrastava com o "trabalho alienado", não teve tanto foco no decorrer de sua obra, mas deve ter nossa atenção agora.

Essa discussão conduz a leitora ou o leitor à introdução de uma nova categoria apresentada por Holloway. Como mencionado acima, para ele há um grande problema em utilizarmos o termo "trabalho" para nos referirmos a toda e qualquer atividade humana, partindo da seguinte premissa: em Marx, o "trabalho útil" ou "concreto" (ou atividade vital consciente) é comum a todas as fases sociais da existência humana, sendo uma condição imposta pela natureza. Contudo, o trabalho enquanto atividade distinta, separada de outras atividades vitais, nem sempre existiu em todas as sociedades. O trabalho foi criado junto com o capitalismo, a abstração do "fazer" em "trabalho" é um processo histórico de transformação que criou a síntese social do capitalismo.

O que está no cerne da separação do trabalho como atividade distinta das outras atividades vitais, é a separação das pessoas da terra, quando da transição do feudalismo para o capitalismo. Isso representou a separação das

atividades e o surgimento de uma nova forma de atividade – o trabalho. O cercamento dos bens comuns, a abolição do direito à caça, à pesca e à coleta, a lei contra a vadiagem, as repressões etc., criaram uma sociedade baseada no trabalho e isso foi simultaneamente, também, o processo de abstração do trabalho. Os servos, retirados da terra, foram obrigados a entrar no mercado e vender a única coisa que possuíam: a força de trabalho. Em outras palavras, o autor quer dizer que o trabalho não fazia parte dos hábitos e da reprodução da vida das sociedades pré-capitalistas. Não este trabalho, essa atividade reconhecida como tal. A “atividade vital consciente” , ou seja, um conjunto de atividades é que eram responsáveis pela reprodução da vida humana; e ela não estava designada como “trabalho” nem distinguida das demais.

Sabe-se, nesse caso, que essa atividade vital é o que Marx chama posteriormente de “trabalho útil” ou “trabalho concreto” , que se contrapõe ao “trabalho alienado” ou “abstrato” , criado no processo de produção capitalista. A questão então colocada por Holloway é que o trabalho como atividade distinta somente faz sentido a partir do capitalismo, quer dizer, essa distinção é uma abstração inerente a este sistema. Assim, os termos “trabalho útil” e “trabalho concreto” de Marx não definem a “atividade vital” pura, e sim uma atividade já separada do conjunto de atividades vitais. Logo, se está se falando de uma atividade humana, comum a todas as formas de existência, o termo “trabalho” deve ser substituído por outro. Para tanto, um termo mais geral que pode ser utilizado para designar essa atividade comum é o “fazer” (que segundo o autor, pode não ser o melhor). Utilizar o termo “útil” também pode cair no utilitarismo típico do capitalismo. Assim, para pensar na dupla natureza do trabalho de Marx, para Holloway o ideal é pensar no contraste entre o “trabalho abstrato” e o “fazer concreto”. O “fazer concreto” é portanto, a atividade comum a todas as fases da existência humana, mas que existe em diferentes formas em diferentes fases.

Na sociedade capitalista, essa atividade comum – o “fazer concreto” – existe na forma de “trabalho abstrato” porque passou por todo o processo de abstração advindo do capitalismo. Mas aí reside uma dialética. Considerando que o contraste entre o “trabalho abstrato” e o “fazer concreto” existe e que a forma capitalista do “fazer concreto” é o “trabalho abstrato” , temos uma

relação dialética que se expressa no antagonismo da experiência cotidiana. A luta contra o capitalismo não é a luta contra o trabalho assalariado, porque o centro do problema não é a exploração através da relação salarial, o problema central é o próprio trabalho, que é cruel e desumanizador. É o oposto da atividade vital consciente e é o tecer da rede que nos aprisiona ao sistema. O sujeito revolucionário para o autor é o "fazer"; e o inimigo a ser abolido é o "trabalho abstrato". Ou seja, é a luta do "fazer" da classe trabalhadora contra sua própria existência como classe trabalhadora. É ainda nessa parte do livro que Holloway faz uma grande crítica à tradição marxista, por negligenciar o antagonismo "fazer útil x trabalho abstrato". Segundo ele importantes obras marxistas não dão a devida importância ao duplo sentido do trabalho evidenciado por Marx.

No terceiro e último momento do livro – constituído pelas partes VII e VIII – Holloway reafirma que o "fazer" é a força e a própria revolução contra o "trabalho abstrato". Ele se esforça para mostrar que o "fazer" tem poder para reverter a determinação do capital em nossas vidas e para tanto, vai colocando elementos cruciais nesse processo de revolução, como a visão de totalidade, a identidade na luta e o nosso tempo – o "tempo-fazer" Segundo o autor, no argumento comunista tradicional, a alternativa ao capitalismo não é uma ruptura da síntese social, mas a construção de uma síntese social alternativa. A totalidade do capital, da coesão das relações deve ser substituída por outra com base no planejamento popular. Ou seja, a luta é a derrubada de um sistema e a substituição por outro, representado por um partido. Mas para o autor essa totalidade que aparentemente é externa a nós, na realidade se constitui de nossas relações e, apesar de representar uma totalidade, não pode ser mudada a partir do ponto de vista da totalidade, mas sim a partir de baixo, porque a abstração, o movimento que constitui a totalidade vem de baixo.

Afirmando que nós somos as forças de produção, que o nosso poder é o poder de "fazer" Holloway chama atenção para o fato de que as capacidades tecnológicas que desenvolvemos em-contra-e-mais-além do capital são também a real capacidade de um fazer-diferente. Quer dizer,

existe uma tendência real de utilização das habilidades pessoais (computacionais, permaculturais etc.) para dar uma direção alternativa ao mundo. Se nós somos as forças produtivas, o desenvolvimento de nosso poder produtivo é totalmente ligado à sua socialização. O desafio é construir através das fissuras uma socialização livre e baseada no reconhecimento das particularidades de nossas atividades individuais e coletivas, e na capacidade para a autodeterminação.

Finalmente, duas características importantes sobre o livro devem ser ressaltadas. Uma é a mescla do seu conteúdo, constituído tanto por um diálogo e discurso militantes – de linguagem acessível à sociedade em geral, acadêmica ou não – quanto por teoria, fundamentada no marxismo e em outras perspectivas teóricas de luta anticapitalista. Nesse sentido, é um livro misto, que de um lado apresenta um manifesto comum a uma massa inconformada com o capitalismo e, de outro, apresenta um argumento teórico-metodológico direcionado, sobretudo, à sociedade acadêmica. A outra característica importante é a apresentação de uma nova categoria. Mais que isso, é a desconstrução de uma categoria no tocante ao seu lugar de uso e a reconstrução da mesma, que reforça sua centralidade nos estudos e na luta.

Ao sugerir e justificar a troca do termo “trabalho útil” pelo termo “fazer concreto”, Holloway não desconstrói a importância do trabalho nem como categoria central das análises histórico-dialéticas, nem como foco da luta, mas reitera a sua importância e a nossa necessidade de enxergar para além do “trabalho abstrato”. Utilizar ou não o termo “fazer concreto” de Holloway para nos referirmos ao “trabalho concreto” de Marx, é uma discussão menos importante que a necessidade de atentarmos ao poder intrínseco que o trabalho não subjugado ao capital tem, na luta pela emancipação humana. Certamente, essa foi a maior preocupação de Holloway em *Fissurar o capitalismo*.